



DOI: 10.20911/25260782v11n3p92/2026

Entre Moral, Verdade e Criação: O Caminho à Afirmação Estética em Nietzsche

Thiago Souza Araújo¹

Resumo: O objetivo deste trabalho é apresentar a passagem da crítica moral e verdade à perspectiva ética e criativa em Nietzsche. O esteticismo do filósofo alemão se manifesta na compreensão artística da existência, na criação e ressignificação dos sentidos que antes regiam os indivíduos submetidos à moral. Em sua análise, é abordado como os valores foram forjados no percurso histórico e o modo que se instrumentalizaram a fim de uma moralização dos costumes justificando sua verdade, expressão maior através do cristianismo, pelos ideais ascéticos. A moral judaico-cristã é uma forma de negação vital, uma vez que sua base reside numa verdade metafísica criada para a finalidade de domínio. Logo, a concepção sobre verdade torna-se perspectiva, pois sua gênese é analisada como criação histórica, i.e., perde-se o seu caráter absolutizador. Nietzsche propõe um novo modo de olhar à realidade, uma ética criativa destituída dos valores metafísicos e, para isso, se adentra ao seu esteticismo. A criação é expressão do indivíduo que afirma e aceita o seu destino, *amor fati*, como abertura ao porvir, ao indeterminável e improvável permitindo-se a uma constante reinterpretação da sua existência, a vida afirmada como “potência”, transvaloração dos valores que antes a degeneravam e enfraqueciam sua capacidade inventiva. Sua adesão, no lugar do homem malogrado, se dá no abraçamento à exuberância da própria vitalidade.

Palavras-chave: Amor Fati. Criação. Estética. Genealogia. Moral.

Abstract: The aim of this paper is to present the moral critique and truth to the Nietzsche's ethical and creative vision. The German philosopher's aestheticism manifests itself in the artistic understanding of existence, in the creation and re-signification of the meanings that once governed individuals subjected to morality. The analysis addresses how values were forged throughout history and how they became instrumentalized to moralize customs, justifying their supposed truth, most strongly expressed through Christianity and its ascetic ideals. Judeo-Christian morality is a form of vital negation, since its foundation lies in a metaphysical truth created for the purpose of domination. Thus, truth becomes a matter of perspective, insofar as its genesis is understood as a historical creation, it loses its absolutizing character. Nietzsche proposes a new way of looking at reality: a creative ethic stripped of metaphysical values, which is precisely where his aestheticism becomes central. Creation is the expression of the individual who affirms and embraces their destiny, *amor fati*, as an openness to what is yet to come, to the indeterminate and the improbable, allowing for the constant reinterpretation of one's existence. Life is affirmed as “power”, as a transvaluation of the values that once degenerated it and weakened its creative capacity. In place of the failed man, Nietzsche envisions an embrace of one's own overflowing vitality.

Keywords: Aesthetics. Amor Fati. Creation. Genealogy. Morality.

1 Mestrando em Filosofia pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (FAJE) de Belo Horizonte, Brasil. Bolsista pelo órgão de fomento à pesquisa CAPES. Orcid: <https://orcid.org/0009-0001-3211-565X>. Email: thiagosouzaara1@gmail.com. Endereço: Rua Pio XII, centro, Alfenas/MG. CEP: 37130-223.

INTRODUÇÃO

Ao abordar sobre moral, Nietzsche se contrapõe a toda forma de dogmatização do pensamento e dos costumes. Há um rompimento com a metafísica, meio pelo qual a moral se assegurou por uma suposta verdade absoluta. Consequentemente, a verdade metafísica dá espaço para uma verdade perspectiva, construída de acordo com os contextos históricos.

Em sua análise, se exemplifica como os valores são criados a partir de determinadas condições fisiopsicológicas. Da moral dos senhores surgiu a valoração do “bom” como expressão da nobreza e do poder, enquanto “mau” estava para o seu contrário, baixo e inferior; tais valores encontraram seu declínio na moral dos escravos. Ocorre uma inversão em que “bom” tornam-se os injustiçados e estes atribuem um sentido ao seu sofrimento através da religião. A moral judaico-cristã degenerou a vida ao recusar sua forma mais instintiva. Os ideais ascéticos são instrumentos para sua dominação. Por eles, aquilo que é mais humano, e por isso imoral, é domesticado e regrado em vista de um Além.

A crença cristã acendeu uma vontade de verdade à qual incutiu a necessidade de alcançá-la a qualquer custo; mas, segundo Nietzsche, essa verdade é inexistente, uma vez que sua gênese é histórica, vindo a ser entendida numa concepção perspectivista.

A moral negou o elemento mais essencial da vida, sua dimensão trágica, atribuindo-lhe a ilusão de um pós-morte. A existência autêntica é demonstrada através de dois símbolos antagônicos resgatados na tragédia grega pelo filósofo: Apolo como representação da beleza, do sonho, o qual a moral se alicerçou; e Dionísio na imagem da embriaguez, i.e., manifestação instintiva do homem, sendo assim trágico.

Para ressignificar tudo que foi negado pela moral, se insere o seu pensamento estético, em outras palavras, tornar a vida uma constante recriação de valores, possibilidade que se dá no amor integral à existência, abraçando aquilo que é mais humano, *amor fati* (amor ao destino²). A isso, cabe ao indivíduo atribuir beleza ao porvir, aceitar e amar viver a vida em sua facticidade, sem a necessidade de atribuir justificativas pelo domínio das interpretações impostas. O *amor fati* está como autonomia de valoração das próprias ações individuais e se efetiva na cisão entre submissão e ética.

O objetivo deste trabalho é apresentar a crítica moral como caminho à visão ética e estética em Nietzsche. De antemão, não se pretende defender um extremismo do seu esteticismo, o que poderia incorrer a uma banalização das relações sociais, mas contemplar o indivíduo enquanto criador, reconhecendo a sua capacidade de abertura ao novo, capacidade de afirmação incondicional do seu próprio existir. Se antes havia a supressão da individualidade e da multiplicidade em vista de uma uniformização e universalização dos costumes, agora há um encorajamento no constante avaliar dos valores fixados e às forças que devém.

2 "Destino" está como todo o improvável, indeterminado que se apresenta ao sujeito. Amar o destino é abraçar a vida em seu todo, sofrimentos e alegrias, ressignificando e assumindo como belo todo porvir.

1 A GÊNESE DA MORAL

Nietzsche analisa como a moral passou a mensurar a valoração dos valores. O filósofo traz como critério a vida, isto é, os valores são forjados a partir de determinadas condições fisiopsicológicas³. Com o início das relações de poder, p. ex. entre senhores e escravos, o assenhoreamento se torna modelo para o “bom”, enquanto o “mau” está para o seu contrário. Em sua *Genealogia da moral* (1887), Nietzsche descreve a inversão desta moralidade: “pergunte-mo-nos *quem* é propriamente ‘mau’, no sentido da moral do ressentimento. A resposta com todo rigor: *precisamente* o ‘bom’ da outra moral, o nobre, o poderoso, o dominador” (GM/GM, I, 11).

Pela religião judaico-cristã, os fisiologicamente inferiores, ocorre um deslocamento das noções de bom e mau em relação aos valores da aristocracia romana. Assim prossegue: “E bom é todo aquele que não ultraja, que a ninguém fere, que não ataca, que não acerta contas, que remete a Deus a vingança, (...) que foge de toda maldade e exige pouco da vida, como nós, os pacientes, humildes, justos” (GM/GM, I, 13).

Na terceira dissertação da sua *Genealogia*, se tem a noção do “ideal ascético”, meio pelo qual a moral se assegura e se dissemina na imagem dos fracos. Tal ideal floresce o vínculo e a submissão de uma comunidade a um dominador que apresenta um sentido à fraqueza, uma ascese espiritual. Se o desconsiderar, o indivíduo perde sua razão de ser, o “ideal ascético significa precisamente isto: que algo *faltava* (...) ele *sofria* do problema do seu sentido (...) e o ideal ascético *lhe ofereceu um sentido*” (GM/GM, III, 28). Uma das problemáticas está na condição doentia do homem que tal ideal fomento, o desgosto pela vida.

O sacerdote ascético trabalha e cria instrumentos para manter apegado a si todo um rebanho de malogrados e frustrados. O pecado, a dívida com Deus, a boa conduta cristã, não se render a imoralidade dos instintos como forma de sacrifício para alcançar uma ascese espiritual. A tudo isso, o ideal ascético deu um sentido como forma de negação e degeneração vital.

No método genealógico, o filósofo deixa explícito que a verdade defendida pela moralidade não se passa de uma perspectiva que foi engendrada pelos costumes de determinados contextos. No prólogo de *Aurora* (1881), “a moralidade não é outra coisa (e portanto, *não mais!*) do que obediência a costumes, não importa quais sejam; mas costumes são a maneira *tradicional* de agir e avaliar” (M/A, 9).

O sentido pelo qual a moralidade se conserva e assegura o seu rebanho possui como pano de fundo interesses e necessidades humanas. Portanto, o aparato metafísico dos valores

3 Nietzsche compreendeu a construção moral por meio da noção de fisiopsicologia. Na moralidade dos senhores, os fisiologicamente superiores estabeleceram valor de nobreza criando o antagonismo bom e mau. O elemento psicológico se torna expressivo através do desejo de vingança dos ressentidos, submissos à força da aristocracia romana. “Toda a psicologia, até o momento, tem estado presa a preconceitos e temores morais: não ousou descer às profundezas” (JGB/BM, I, 23). A moral enquanto problema fisiopsicológico se justifica dentro dos seus elementos reguladores. Por um lado, as noções de senhor e escravo, por outro, a noção da má consciência e culpa.

morais se torna obsoleto. “O ‘mundo verdadeiro’ – uma ideia que para nada mais serve, não mais obriga a nada –, ideia tornada inútil, *logo* refutada” (GD/CI, IV, 5). A verdade não está como algo imutável, referencial e transcendente, mas perspectivo. Assim como a moral, a verdade é compreendida como construção humana, fruto de um contexto, de um aspecto histórico.

2 A QUESTÃO DA VERDADE

A crença cristã deixou como marca uma vontade pela verdade, o que garantiu a permanência do sujeito à moral. Essa vontade foi criada quando a metafísica se justificou por uma verdade absoluta. Não somente a moral, mas até mesmo a ciência sofreu desse ideal em sua crença de possuí-la: “a nossa fé na ciência repousa ainda numa *crença metafísica*” (FW/GC, V, 344).

A vontade de verdade é a aparente necessidade de não se deixar enganar, não alcançá-la poderia ser perigoso e prejudicial, “neste sentido a ciência seria uma prolongada esperteza, uma precaução, uma utilidade” (FW/GC, V, 344). Se repete a mesma problemática da moralidade, a negação da natureza. A ciência afirma um outro mundo, mesmo que o divino não seja sustentado, ela necessita de convicções antes de atuar, “vê-se que também a ciência repousa numa crença, que não existe ciência sem ‘pressupostos’” (FW/GC, V, 344). Nietzsche nega qualquer absolutismo. O que há é uma realidade em constante construção. “Mas tudo veio a ser; *não existem fatos eternos*: assim como não existem verdades absolutas” (MA I/HH I, I, 2).

De modo minucioso, em *Sobre verdade e mentira no sentido extra-moral* (1873), Nietzsche vai trabalhar a noção de verdade. Não é o foco neste trabalho um aprofundamento, mas demonstrar o necessário para a sua compreensão enquanto noção “perspectiva”, i.e., enquanto realidade construída:

O que é, pois, a verdade? Um exército móvel de metáforas, metonímias, antropomorfismos, numa palavra, uma soma de relações humanas que foram realçadas poética e retoricamente, transpostas e adornadas, e que, após uma longa utilização, parecem a um povo consolidadas, canônicas e obrigatórias: as verdades são ilusões das quais se esqueceu que elas assim o são (WL/VM, 2007, p. 36-37).

Atribuir verdade, segundo Nietzsche, é uma necessidade social impregnada na tradição e nos costumes mediados, a princípio, pela linguagem na “medida em que por muito tempo acreditou nos conceitos e nomes de coisas em *aeternae veritates* (verdades eternas)” (MA I/HH I, I, 11). Por ela, muitos são induzidos ao autoengano da origem dos fatos, reforçando a sua perpetuação cada vez mais inquestionável. Se estabelece o domínio, instrumento de domesticação, a imposição dos fortes sobre todo um rebanho de malogrados. Uma vez assimilada e infiltrada numa sociedade, a verdade se massifica, da “*crença na verdade encontrada* fluíram, aqui também, as mais poderosas fontes de energia” (MA I/HH I, I, 11).

Já no início de *Além do bem e do mal* (1886), o filósofo escreve: “O problema do valor da verdade apresentou-se à nossa frente – ou fomos nós a nos apresentar diante dele?” (*JGB/BM*, I, 1), como julgamos a realidade e atribuímos oposições às coisas, certo ou errado, moral ou imoral? Essa será a crença dos metafísicos, oposições de valores e precisamente nisto que consiste “o típico preconceito pelo qual podem ser reconhecidos os metafísicos de todos os tempos” (*JGB/BM*, I, 1). A verdade não está como questão transcendente, mas produto de uma criação historicamente humana.

Logo que a religião, a arte e a moral tiverem sua gênese descrita de maneira tal que possam ser inteiramente explicadas, sem que se recorra à hipótese de *intervenções metafísicas* no início e no curso do trajeto, acabará o mais forte interesse no problema puramente teórico da “coisa em si” e do “fenômeno”. Pois, seja como for, com a religião, a arte e a moral não tocamos a “essência do mundo em si”; estamos no domínio da representação, nenhuma “intuição” pode nos levar adiante (*MA I/HH I*, 10).

3 O ELEMENTO ESTÉTICO COMO ATUAÇÃO VITAL

A condição fisiológica, inevitavelmente unida à dimensão psicológica, por isso o termo “fisiopsicologia”, é responsável por construir e interpretar a realidade. Do mesmo modo em que forjou valores metafísicos, torna-se, também, instrumental para sua superação. A proposta nietzschiana de transvaloração é um novo olhar à vida desvencilhada dos fatores que degeneravam a existência em sua forma mais genuína, a sua atuação enquanto impulso, i.e., uma constante vontade de potência, de afirmação. A moral é a negação dessa disposição afirmativa e criativa, uma vez que cessa as possibilidades de confronto a todo indeterminável e improvável. É a recusa de toda ação subjetiva, tudo aquilo que se apresenta como perigoso às suas estruturas.

O esteticismo de Nietzsche ajuda a compreender o modo da atividade vital em que dois elementos fisiopsicológicos aparecem: a embriaguez e o sonho. O primeiro como expressão trágica da vida e o segundo enquanto sua regulação.

Em sua primeira obra, *O nascimento da tragédia* (1873), ambos elementos são expressos nas figuras antagônicas da tragédia grega, Apolo e Dionísio. Apolo é expressão do belo, representação dos sonhos e da criação artística. Dionísio, por sua vez, caracteriza os instintos, a natureza em sua forma mais pura, a vida como constante criação, “o poder artístico de toda natureza revela-se aí nos paroxismos da embriaguez” (*GT/NT*, 1). O interesse em ambos os elementos estão no simbolismos representados.

O sujeito, no desejo de tornar a existência suportável, sonha com uma vivência superficial. Nietzsche escreve: “o fundo comum a todos nós, colhe no sonho uma experiência de profundo prazer e jubilosa necessidade” (*GT/NT*, 1). A moral se fundamentou mais no aspecto apolíneo ao atribuir beleza a um mundo inexistente, ilusão como fuga da dimensão

trágica da vida. Ela se contrapõe à realidade, trata-se de uma mera aparência, a “bela ilusão dos mundos do sonho” (GT/NT, 1). Na tentativa de significar o desagradável, se alicerçou no simbolismo apolíneo visando um pós-morte, a vitória daqueles que enfrentaram e “venceram” toda espécie de imoralidade.

O sonho é a necessidade de reparar o caos, um modo de reinterpretá-lo. Porém, “tampouco deve faltar à imagem de Apolo aquela linha delicada que a imagem onírica (sonho) não pode ultrapassar, a fim de não atuar de um modo patológico” (GT/NT, 1). É necessária uma imagem dionisíaca que transvia o sujeito das suas formas cognitivas da ilusão. Ela ascende do fundo mais íntimo, uma subjetividade que se transborda.

Apolo, se completando com o princípio dionisíaco, marcado pela força instintiva da “embriaguez⁴”, dá forma e lucidez para uma existência autêntica. O estado estético é a junção do sonho apolíneo e da embriaguez dionisíaca que não se limitam à verdade metafísica, mas buscam a sua superação, vontade de potência, a fim de atribuir novos sentidos ao real.

Pela transvaloração, arte e ética se encontram. Na arte o indivíduo transfigura a verdade consolidada abraçando uma ética criacionista, “pois somente como *fenômeno estético* a existência e o mundo se acham eternamente *justificados*” (GT/NT, 5). A questão não é um desvelamento da verdade, mas assumi-la como uma aparência que contradiga a dogmatização moral e introduza novas interpretações.

4 A VIDA COMO OBRA DE ARTE

Na *A gaia ciência* (1882), a arte é expressa como estimulação vital, por ela a vontade de criação não se limita a determinadas formas, mas se potencializa e encontra sua liberdade de atuação; assim, a estética enquanto capacidade de afirmação das forças criativas se insere na questão fisiopsicológica.

Em *Crepúsculo dos ídolos* (1888), a embriaguez é pressuposta ao fazer artístico. Tal condição é importante uma vez que sua ação fornece sentimento de êxtase, plenitude, transbordamento e liberdade de forças, como fica claro em sua citação: “Para haver arte, alguma atividade de contemplação estética, é indispensável uma precondição fisiológica: a *embriaguez*” (GD/CI, IX, 8).

Nietzsche não pensa uma arte a partir da ótica do espectador e dos predicados artísticos, aquilo que denominaria algo como “arte”, mas da plenificação dos sentidos do artífice na medida em que a criação extrapola os preconceitos e valores metafísicos.

Arte é transfiguração, por ela a vida se afirma em seu caráter dionisíaco e embriagador. O fazer artístico amplifica a perspectiva de mundo, ele pressupõe o sofrimento pelo excesso

4 Nietzsche observa uma arte não do ponto de vista do espectador, mas da fisiologia artística, isto é, pela experiência criadora do artista, em seu ato de fazer e criar. A embriaguez aqui não está no sentido de narcótico, mas como manifestação plena do indivíduo, a sua expressão mais humana.

ou empobrecimento vital, impelindo o sujeito à criação e transformação ou exigir da arte a sua quietude, conformação com a realidade, um empobrecimento das suas forças criativas.

A concepção estética da existência se dá na aderência ao *amor fati* (amor ao destino), abertura ao porvir, acolhida calorosa a todo caos na constante dedicação disciplinar de ressignificação e disposição ao enfrentamento das adversidades. O seu esteticismo quer o embelezamento de toda extensão existencial, uma nova justificação: “A arte deve, sobretudo e principalmente, embelezar a vida, ou seja, tornar a nós mesmos suportáveis (...). Depois a arte deve *ocultar* ou *reinterpretar* tudo que é feio, o que é doloroso, horroroso, nojento (...)” (MA II/HH II, I, 174).

A arte quer transmutar os pilares da moral. O sujeito criador experimenta e faz da sua existência uma atividade estética cujo caráter trágico se torna instrumento de potencialização, constante vir-a-ser. Necessitamos “de toda arte exuberante, (...). Devemos também *poder* ficar *acima* da moral (...) brincar acima dela” (FW/GC, II, 107).

Olhar para a vida como algo belo, aceitar o destino dizendo sim a tudo que se apresenta como feio, desagradável e insuportável. O *Amor fati*, “seja este, doravante, o meu amor!” (FW/GC, IV, 276), será critério à avaliação dos juízos de valores, uma vez que todo norte de sentidos bons e maus, morais e imorais passam pelo crivo reinterpretaivo: “Honrar mais ainda dentro de si o que dá errado, justamente *porque* deu errado – isto sim está de acordo com minha moral” (EH/EH, Por que sou tão inteligente, 1).

CONCLUSÃO

A reflexão estética em Nietzsche traz vários elementos do seu pensamento que se complementam e se enriquecem. Ao pensar uma ética criacionista, se valoriza a atuação do sujeito, este enquanto artífice da própria existência. A superação da moral metafísica abre espaço para uma verdade perspectiva. Será pelo *amor fati* que a vida se afirma em seu todo, vindo a ser potência criativa. Trata-se de atribuir beleza a tudo que, pelos preconceitos morais, possa degenerar a vida.

A estética nietzschiana unifica a atuação artística com a ética, ambos se tornam instrumentos de reinterpretação e de liberdade a tal modo que o indivíduo viva de forma autêntica e inventiva. Fazer da vida uma obra de arte não significa escapar dos desafios que se apresentam, confiando num pós-morte, mas integrá-los, compreendendo o *amor fati* como adesão radical a todo improvável e indeterminável. Não apenas se reinterpreta o mundo, mas o reinventa tornando a vida mais plural e rica de sentidos para que cada fenômeno do existir possa ser celebrado e vivido de forma autêntica e genuína.

REFERÊNCIAS

NIETZSCHE, Friedrich. *A gaia ciência*. Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

NIETZSCHE, Friedrich. *Além do bem e do mal: prelúdio a uma filosofia do futuro*. Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

NIETZSCHE, Friedrich. *Aurora: reflexões sobre os preconceitos morais*. Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

NIETZSCHE, Friedrich. *Crepúsculo dos ídolos: ou como se filosofa com o martelo*. Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

NIETZSCHE, Friedrich. *Ecce Homo: como alguém se torna o que é*. Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

NIETZSCHE, Friedrich. *Humano, demasiado humano I: um livro para espíritos livres I*. Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

NIETZSCHE, Friedrich. *Humano, demasiado humano II: um livro para espíritos livres II*. Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

NIETZSCHE, Friedrich. *Genealogia da moral: uma polêmica*. Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

NIETZSCHE, Friedrich. *Sobre verdade e mentira no sentido extramoral*. São Paulo: Hedra, 2007.

NIETZSCHE, Friedrich. *O nascimento da tragédia: ou os gregos e o pessimismo*. Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

Artigo Submetido em 11/09/2025 e aprovado em 19/09/2025

Breves informações sobre o autor: Mestrando em Filosofia pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (FAJE) de Belo Horizonte, Brasil. Bolsista pelo órgão de fomento à pesquisa CAPES.

ORCID: <https://orcid.org/0009-0001-3211-565X>

E-mail: thiagosouzaara1@gmail.com

Endereço: Rua Pio XII, centro, Alfenas/MG. CEP: 37130-223

Editor: Dr. Geraldo Luiz De Mori

Avaliadores: Rafael Gonçalves Silveira, Marcelo Hanser Saraiva